

SUMÁRIO

ABERTURA	2
DARCY ARAÚJO	2
FRANCISCO CARLOS RIBEIRO DE ALMEIDA	2
DARCY ARAÚJO	6
EDSON ALVES LACERDA	6
DARCY ARAÚJO	8
BIBLIOTEMAS: LIVRO RARO – REQUISITOS PARA IDENTIFICAÇÃO	10
MARIA SOLANGE DE BRITO SILVA MEIRA	10
ENCERRAMENTO	41
DARCY ARAÚJO	41

ABERTURA

DARCY ARAÚJO

Mestre de Cerimônias

Senhoras e senhores, boa tarde.

Pedimos a todos que ocupem seus lugares e mantenham os telefones celulares desligados ou no modo silencioso.

Daremos início a mais uma edição do programa *Bibliotemas, Conversando com Profissionais da Informação*. Uma iniciativa da Secretaria de Documentação do Superior Tribunal de Justiça.

Convidamos, para compor a Mesa, o Diretor-Geral do Superior Tribunal de Justiça, Dr. Francisco Carlos Ribeiro de Almeida; o Coordenador de Gestão Documental, Edson Alves Lacerda, representando a Secretária de Documentação, Sra. Rosa Maria de Abreu Carvalho, e a Chefe do Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos, da Secretaria de Documentação, Sra. Maria Solange Brito da Silva Meira.

Passamos a palavra ao nosso Diretor-Geral, Dr. Francisco Carlos Ribeiro de Almeida.

**FRANCISCO CARLOS RIBEIRO DE
ALMEIDA**

Diretor-Geral do STJ

Boa tarde a todos.



É um prazer estar aqui hoje, a convite da Secretaria de Documentação, para participar dessa oitava edição do *Bibliotemas*.

Quero parabenizar, de início, a iniciativa da Secretaria, em organizar e promover esse encontro que vai ser formalizado por meio de uma palestra muito interessante, para que possamos compartilhar com os servidores do STJ, demais interessados e convidados um tema de tanta relevância e curiosidade, que é o livro raro.

Parece que o tema envolve muito mistério e subjetividade.

Quando me convidaram para participar dessa oitava edição e me informaram que o tema a ser tratado seria esse, reagi como um mortal comum, pois cada um de nós tem uma concepção do que é um livro raro.

Em princípio, para mim, todo livro é raro, pois encerra uma parcela do conhecimento produzido pela humanidade. Manifestações culturais. Possibilita a multiplicação desse conhecimento e de alguma forma, constrói ou vem construindo a base para a evolução humana ao longo dos séculos. Continuará a fazê-lo independentemente da concorrência que

vem enfrentando com os seus congêneres eletrônicos.

Cada um de nós tem uma resposta, quando é defrontado com esse tema. No meu caso, não sei por que razão, pensei de imediato na biblioteca que vi em um filme que foi realizado a partir de um livro do Humberto Eco, intitulado *O Nome da Rosa*, que me impressionou muito.

Trata-se de uma história que tem como referência cronológica e geográfica a Idade Média, passa-se, aproximadamente, no ano 1300, na Itália do século XIV, em um mosteiro beneditino e em torno de uma biblioteca fantástica, povoada por livros misteriosos. Naquela época, a Igreja dominava o conhecimento. E esse domínio representava poder. Pouquíssimas pessoas tinham acesso ao conhecimento. Os demais eram excluídos, mantidos à margem, convenientemente nas trevas da informação.

Ocorre uma série de assassinatos que envolve a consulta a esses livros. Os mortos aparecem com as pontas dos dedos e as línguas roxeadas. É muito interessante. Quem não leu o livro e não assistiu ao filme, recomendo que o faça.

A outra imagem que formei, foi a da biblioteca de Alexandria. Durante sete séculos, o Egito foi o grande centro de

referência da cultura, do conhecimento da ciência mundial, mais ou menos, a partir do ano 280 a.C. até meados dos anos 400.

Cada um dos senhores, com certeza, deve ter uma visão do que é um livro raro.

Tem alguns mitos que envolvem essa definição.

O que é um livro raro? Um livro raro é um único livro que existe no mundo? Todo livro antigo é raro? Esse conceito de raridade está circunscrito a limites geográficos? O que é considerado raro aqui no nosso país também é raro no continente europeu, em outros países ou vice-versa?

São subjetividades, valores que requerem a construção de uma metodologia para organizar esse estudo e, com certeza, teremos o privilégio de receber essas informações e conhecimentos por intermédio da Maria Solange, que é a nossa palestrante da tarde, e também é a Chefe do Laboratório de Restauração e Recuperação de Documentos do Tribunal.

É uma unidade que muito nos orgulha, pois, nessa área, é uma referência no país. Temos recebido muitas demandas de diversos órgãos.

A Solange estava até fazendo um comentário para comigo de que, além de não conseguir atender as nossas demandas

internas, tem de responder a eventuais demandas, que são muitas, oriundas de outros órgãos, em função da qualidade do trabalho que é realizado no laboratório.

Quero agradecer o convite.

É um privilégio estar aqui hoje com os senhores.

Quero parabenizar mais uma vez a Secretaria de Documentação pela iniciativa.

DARCY ARAÚJO

Em seguida, teremos a palavra do Coordenador de Gestão Documental, Edson Alves Lacerda, representando a Secretária de Documentação, Rosa Maria de Abreu Carvalho.

EDSON ALVES LACERDA

Coordenador de Gestão Documental

Boa tarde Sr. Francisco, Diretor-Geral do STJ; Solange, nossa palestrante no evento de hoje; prezados colegas, servidores, convidados, pessoal da Gestão Documental.

Como foi colocado pelo mestre de cerimônia, estou aqui hoje representando a Secretária da Secretaria de Documentação, Dra. Rosa, que teve compromissos inadiáveis.

Em seu nome, gostaria de agradecer a presença de todos que vieram participar

dessa 8ª Edição do *Bibliotemas, Conversando com Profissionais da Informação*.

Esse projeto foi instituído em 2008 com o objetivo de divulgar aos bibliotecários temas relativos a gestão da informação e a outras ciências afins.

Hoje, estamos realizando outras edições voltadas tanto para gestão documental como para os programas socioeducativos desenvolvidos pelas unidades da Secretaria de Documentação.

Atualmente, o programa extrapolou os assuntos de biblioteconomia e está voltado também para a gestão documental, os temas socioculturais e o museu. Queremos ampliar esse escopo. A iniciativa desta tarde é a primeira nesse sentido.

A nossa palestrante, Maria Solange, é Chefe do Laboratório de Conservação de Documentos e está à frente dessa unidade desde 1996.

Ao participar, juntamente com as bibliotecárias Fátima Baima e Renata Guedes, do curso oferecido pela Associação de Bibliotecários do Distrito Federal, intitulado *Livro Raro*, ministrado pela professora Ana Virgínia Pinheiro, Chefe da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional, a servidora ficou encantada com o

treinamento recebido. Assim como esperamos que muitos fiquem com a palestra que será ministrada pelo Solange.

Nesse sentido, com esse conhecimento, esse *expertise*, a Solange vislumbrou a oportunidade de transmitir essa informação, primeiramente, para todos os servidores da Secretaria e, por que não, para todos os servidores do Tribunal, tamanha foi a vontade e o aprendizado adquiridos no evento.

Assim, esperamos compartilhar dessa alegria e desse conhecimento, com o aprendizado sobre o livro raro e os aspectos que podem ser utilizados para a determinação de suas características, o que será muito bem explanado pela nossa palestrante, que se debruçou sobre essa apresentação, fê-la com esmero, e espero que todos gostem.

Boa tarde e um bom curso!

DARCY ARAÚJO

Neste momento, convidamos os componentes da Mesa, com exceção da nossa palestrante, para retomarem o assento no auditório.

Passamos a palavra à Chefe do Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos, Maria Solange Brito da

Silva Meira, que falará sobre *Livro Raro – Requisitos para Identificação*.

**BIBLIOTEMAS: LIVRO RARO –
REQUISITOS PARA IDENTIFICAÇÃO¹**

**MARIA SOLANGE DE BRITO SILVA
MEIRA**

*Chefe do Laboratório de Conservação
e
Restauração de Documentos*

Boa tarde a todos.

Como já foi dito, o nosso objetivo hoje aqui, é transmitir alguns dos conhecimentos adquiridos no curso *Livro Raro*.

Esse curso foi ministrado no início de setembro, pela Bibliotecária Ana Virgínia.

Foi um curso de vinte horas e apresentarei alguns dos elementos vistos na ocasião. Aliado a isso, outro objetivo nosso é apresentar o trabalho de restauração de documentos do Superior Tribunal de Justiça.

Aproveito, também, para mesclar um pouco com pesquisas que fiz, envolvendo a história do livro.

Gostaria de lembrar a todos que estudar o livro é estudar o homem, é estudar a humanidade.

Quando surgiu a ideia de ministrar uma palestra, sobre o livro raro, fiquei pensando: como poderei iniciar a palestra?

¹ Texto revisado pelo autor.

Então tive a ideia mais simples possível: vou perguntar para as pessoas o que é um livro raro.

Fiz essa pergunta para, mais ou menos, dez ou doze pessoas: o que é um livro raro para você?

Perguntei a bibliotecários, na minha casa, aos meus filhos e, inclusive, à moça que serve o café lá na seção: você sabe o que é um livro raro?

O que é um livro raro?

Sintetizei as respostas em três grupos: livro raro é um livro velho;, um livro antigo;, um livro único e incomum.

Mas quem dará a resposta sobre o que é o livro raro será a ciência que estuda o livro, a Bibliologia.

A Bibliologia estuda a história do livro; a sua composição material; os seus elementos intrínsecos, aqueles que jamais poderão ser desassociados do livro; os elementos extrínsecos, que são acrescentados após a sua impressão.

De acordo com Ana Virgínia: "Se o livro fosse um ser humano, a Bibliologia [que é a ciência do livro] seria a ciência do corpo, expressa nos suportes e nas composições de imagem e texto utilizados para o registro da informação".

Vamos passear um pouco sobre as respostas. A primeira é que livro raro é um livro precioso. Essa noção de preciosidade está muito ligada ao subjetivismo: este livro para mim é um livro precioso. Ele é precioso porque é a bíblia do livro, é aqui que estudo os registros do homem, desde a inscrição em pedras, passando pela impressão gráfica de Gutenberg, até os dias de hoje.

Então, para mim, é um livro precioso, de forma subjetiva.

Logo, dizer que um livro precioso é um livro raro está muito ligado à emoção: “este livro é precioso porque pertenceu ao meu pai”; “este livro é precioso, porque através dele como começou uma bela história de amor”. Claro que o livro pode ser precioso e raro ao mesmo tempo.

Analisando outra resposta: um livro raro é um livro único. Em se tratando de um manuscrito, logicamente; por ser um livro único, será um livro raro. Agora, afirmar que se trata de um livro único, relacionando-o à unicidade, no sentido de ser o único livro no mundo, é temeroso; mesmo porque, como veremos mais adiante, para o primeiro livro impresso, em 1450, a Bíblia de Gutenberg, foram produzidas 120 unidades. Dessas, existem hoje 47 unidades espalhadas pelo mundo.

Vejam que, nem mesmo o primeiro livro impresso é um livro único.

Agora, pode ser que essa unicidade esteja ligada ao fato de ser livro único como precioso demais, um livro insubstituível!.

Por fim, o que é um livro raro? Quais os elementos que garantem a raridade desse livro? Por que um livro é definido como raro? Quais são esses critérios?

A Bibliologia separa os critérios em três grandes grupos. O primeiro critério é o limite histórico; O segundo, os conhecimentos extrínsecos da obra –esses dois primeiros são tidos como principais –; e, por fim, cita também a pesquisa bibliográfica.

O limite histórico é a história do livro, são aqueles elementos que não podem ser desassociados, é a história da impressão, do suporte, das marcas deixadas durante a impressão, que são as marcas de impressores. Isso é o limite histórico, é a história do livro através dos tempos.

Os conhecimentos extrínsecos são aqueles que são acrescentados à obra, depois da sua impressão. Vamos falar mais à frente sobre eles, mas já adianto alguns conhecimentos extrínsecos: as marcas deixadas como: *frontis*, as observações

manuscritas, as correções, *ex libris*, *super libris*, dentre outros, são exemplos de . elementos acrescentados depois, e que podem ser elementos que elevam aquela obra ou aquele volume será condição de “raro”.

Por fim, a pesquisa bibliográfica, onde serão arrolados todos os elementos intrínsecos e extrínsecos. Então, se uma obra é considerada rara para o acervo do STJ, em qualquer lugar do mundo também será. Agora, se o livro é considerado precioso, será precioso para aquele que o definiu dessa forma. Talvez , para a Biblioteca do STJ, esse livro não seja precioso. Considerar o livro importante e único é um conceito pessoal, subjetivo. O livro raro, se assim considerado aqui, será raro qualquer parte do mundo. A raridade do livro é denunciada e anunciada na pesquisa bibliográfica, nos catálogos de obras raras.

Vamos agora passear pelo Limite histórico, pelo conhecimento da história do livro, da editoração, da produção...

Os primeiros livros eram manuscritos. A palavra manuscrito deriva do latim: manu/escriptus. Utilizamos a palavra “documento”, mas, como estamos nos referindo à livro, vamos entender como

“livro escrito ou copiado à mão sobre um suporte físico”.

Comecei a referir-me a manuscritos, porque os primeiros livros eram manuscritos.

Para receber a escrita, diversos suportes foram utilizados, tais como placas de cerâmica, madeira, tecido, osso; até , por fim, chegarmos ao papiro.

Comecei com o exemplo do papiro, porque o papiro foi o suporte mais importante, antes do papel. O papiro crescia abundantemente no Egito. Os egípcios descobriram o papiro como suporte para impressão antes de Cristo.. Vejamos Como era feito: O papiro era colhido, e do seu caule faziam-se lâminas muito finas. Essas lâminas eram entrelaçadas e postas para secar. Recebiam então uma camada de cola; as primeiras colas eram vegetais, e, depois, começou-se a usar cola animal também para fixação da impressão ou escrito. , sem essa cola, a tinta utilizada pelo escriba não se fixava a esse suporte: o papiro.

Então, era mais ou menos assim. Desculpem-me pela explicação simplificada... , mas é só para que entendam como funcionava a escrita no papiro.

Vamos imaginar que essa folha de papel seja o suporte papiro pronto. A escrita seria feita em colunas, pelo escriba; preenchido todo esse suporte, outro suporte seria colado, da direita para a esquerda, nas extremidades; e enrolado. Essa foi a primeira formação de escrita, ou seja, formação em colunas.

Essa forma de livro enrolado recebeu o nome de *"volumen"*. Com o tempo, esse tipo foi tomando forma de fole e costurado nas laterais, e passaram a ser denominados "códices". As primeiras encadernações remontam do Egito. Não vamos discorrer sobre encadernação, porque se trata de outro tema complexo; cito apenas para lembrar a sua importância. Notem que do papiro originou-se o livro na concepção que se temos hoje.

O papiro migrou para a Europa e, lá chegando, não se adaptou muito bem, por conta da umidade: era um suporte muito frágil.

Depois do papiro, outros elementos foram pesquisados até se chegar às peles de carneiro e de vitelo, denominados pergaminho. Essas peles eram raspadas, trabalhadas com cal e recebiam a impressão tal como feito no papiro.

Mas a impressão em pergaminho era um pouco cara, porque exigia mão de obra

qualificada. Trabalhamos, aqui no STJ, com couro para encadernação, e percebo que a perda de material é grande – e ainda mais quando se trata de peles de vitelos em que a área aproveitada é muito pequena. Para fazer o manuscrito em papiro, utilizavam-se muitas peles de animais, encarecendo o produto final: o manuscrito.

Então, foi-se buscar outro suporte mais acessível, até se chegar ao papel. Quem trouxe o papel para a Europa foram os chineses. O papel foi o suporte que deu certo, e perdura com sucesso até hoje; foi por sua conta que a impressão gráfica floresceu e o livro chegou até nós.

Acho importante falar do manuscrito, porque o livro impresso é cópia fiel dos manuscritos. Os manuscritos eram muito caros, porque exigiam o trabalho de diversos artífices. E quem eram esses artífices que trabalhavam os manuscritos? Primeiro, no manuscrito em pergaminho cito: o pergamista, o xilógrafo, o rubricador, o pintor – mais adiante, comentaremos sobre esses artífices. Tudo isso encarecia o manuscrito. Então, poucas pessoas tinham acesso aos manuscritos. Quem tinha acesso aos manuscritos era a nobreza, o poder, a Igreja, os monastérios, e alguns intelectuais, que o encomendavam pagando muito caro por isso.

No século XV, surge o livro impresso, em 1450. Mas, nessa época, já existia a impressão, só que era a impressão tabulária ou o livro xilografado.

Os primeiros livros, antes da impressão de Gutenberg, eram entalhados na madeira. O texto e as gravuras eram entalhados, e o livro era impresso xilografado.

Em 1450, surgiu Gutenberg, que era ourives e começou a trabalhar com fundição. Assim, em 1450, ele formou uma sociedade com Fust e Shöeffer e imprimiu a primeira bíblia, a bíblia de 42 linhas.

Pelo que li, foram impressos cerca de 130 exemplares dessa primeira bíblia. Hoje existem 47 no mundo. Essas 47 são as que foram arroladas em catálogos. Pode ser que os bibliófilos e outros pesquisadores de livro raro tenham ciência da existência de outras. Não consigo avaliar o valor monetário de um impresso como esse.

Mas Gutenberg desfez a sociedade com Fust e Shöeffer e, em 1460, imprimiu a bíblia de 36 linhas. Os livros que versavam sobre temas teológicos eram impressos em colunas, nos impressos de Gutenberg cada coluna tinha 42 linhas. Por isso a primeira bíblia é chamada de Bíblia de Gutenberg, porque todo impresso de Gutenberg, antes da publicação dessa bíblia, era na formação

42 linhas. Depois, Gutenberg imprime sozinho a Bíblia de 36, e, mais tarde, Fust e Shöeffer imprimem a Bíblia de 48 linhas.

Essa imagem é da Bíblia de Fust e Shöeffer. Hoje arroladas em catálogos existem 72 no mundo – pode ser que tenha outras não arroladas. Essa, especificamente, faz parte do acervo de obras raras da Biblioteca Nacional. Outro detalhe, essa Bíblia também é chamada de Bíblia de Mogúncia.

Vamos agora, destacar o primeiro critério de raridade: toda obra impressa no século XV é rara.

Os primeiros impressos do século XV são chamados de incunábulos, termo empregado para designar livros e gravuras impressas no século XV ou para as primeiras impressões de determinada região.

E esse é o exemplo de um incunábulo brasileiro: *A Arte de Furtar*, de 1821.

A Arte de Furtar foi o primeiro estudo organizado a respeito de como pequenos furtos, pequenos roubos que vêm da mendicância chegam ao poder. Na realidade, esse folheto é uma severa crítica à sociedade da época e ao poder. Esse livro pertence ao acervo de obras raras da

Biblioteca Nacional, a USP também possui um exemplar.

Aqui está a primeira característica das obras do século XV: a escrita gótica. Descobri que nem todas as obras impressas do século XV eram escritas em gótico. Esse tipo de impressão era para as obras teológicas, as obras de Direito, de Medicina e de Lógica.

As obras de Literatura, Poesia e as demais, eram impressas em caracteres romanos, cuja impressão foi desenvolvida por Aldo Manúcio.

Na realidade, essa imagem não é de um livro impresso, mas de um manuscrito. Incluí na apresentação para comentar que no manuscrito a escrita era entre as linhas, como num caderno de caligrafia.

Esse manuscrito é a Bíblia Latina, de 1407, manuscrita antes da impressão de Gutenberg. Foi escrita à mão, na Bélgica, e para leitura em voz alta em um mosteiro, porque assim era de costume: os manuscritos, eram lidos em alta voz.

Aqui, um exemplo de caracteres romanos desenvolvidos por Aldo Manúcio.

Outros elementos a serem observados: o primeiro era o papel de trapo. Os primeiros suportes eram ou pergaminho, ou papel de trapo. O papel de

trapo era confeccionado a partir de trapos de tecidos, linho, algodão, e misturados a outros vegetais, como amora e cânhamo – que é a maconha. Esses elementos eram misturados e macerados numa grande tina. Essa mistura era aparada em tela: uma trama de arame muito fina.

Depois de passar por prensa, era posto para secar e também recebia cola, para fixar a impressão. As marcas da trama de arame ficavam cunhadas no papel. Essas marquinhos são conhecidas como avergoados. E cada moinho colocava na tela uma marca, chamada até hoje de marca d'água.

Formato e dimensão: Os livros eram em grandes dimensões, como as dos manuscritos, uma vez que esses primeiros livros eram cópias fiéis dos manuscritos. A dimensão era de aproximadamente 41 por 64cm.

Os cadernos eram formados em fólhos. A página de impressão, uma vez dobrada ao meio, era denominada in-fólio. Dobrada mais uma vez, era denominada in-quarto; mais uma vez, *in-octavo*. Os primeiros livros, principalmente os que versavam sobre Medicina, Teologia, Lógica e direito todos tinham a formação in-fólio, dobrava-se apenas uma vez a página de impressão

A disposição do texto era em duas colunas, principalmente nos in-fólios, e os cortes eram intonsos.

Apesar de trabalhar no laboratório há dezesseis anos, descobri o que é realmente um corte intonso estudando para essa palestra, porque, para mim, o livro intonso era aquele livro no qual as páginas estavam grudadas. Não deixa de ser. Mas o livro intonso é aquele que não recebe refilo, ou seja que não recebe guilhotina. Então, todo livro in-fólio é intonso, porque não recebe guilhotina. “Todo livro in-fólio é intonso”. Intonso também são aqueles livros que não recebem refilo nos cortes.

Trouxe um exemplo de livro intonso, que, mantém as páginas grudadas umas às outras, não sofreu nenhum tipo de refilo nas laterais.

Observem o formato do texto em duas colunas, com as cores preta e vermelha – no manuscrito, era assim: texto em duas colunas e uso de duas cores: preto e vermelho para realce .

Outras características: ausência de parágrafos. Na realidade, não é que não existia parágrafo; mas no lugar do parágrafo, usava-se uma marca que lembra um pé de mosca. Essa marca, *pied de mouche*, indicava que ali, naquele espaço, havia a marcação de um parágrafo.

Assim como nos manuscritos, não existia folha de rosto, ou seja uma página de abertura com título, nome do autor, O texto já iniciava, com as palavras, em latim, *incipit liber*, que quer dizer “aqui inicia”.

Pesquisei, mas não consegui descobrir se essa ideia de marcação de parágrafos é a mesma que temos hoje, a concepção de mudança de assunto. Não sei, mas percebo claramente que de uma linha para outra, muitasvezes já acontecia a marcação “pé de mosca”. Fica aí uma sugestão de pesquisa, pois não consegui descobrir. Por ora Basta identificar que as marcações de parágrafos, eram indicadas por esse símbolo “pé de mosca”.

Vamos analisar essa imagem: observem o título de partida, indicado por *incipit liber*. Aqui a marcação de parágrafo, nas cores preta e vermelha. Provavelmente essa obra — não seja teológica, nem de Medicina, Direito ou Lógica, uma vez que no século XV, esses temas eram impressos em duas colunas.

Outro elemento a ser observado no final da obra: o termo *explicit liber*.

Há outra curiosidade que pesquisei. Se era tão claro perceber o início do livro, por que escrever *implicit liber* (aqui começa)? Isso ocorria porque no manuscrito acontecia muita violação ou

contrafação manuscrita. Escrever a expressão “aqui começa” era a segurança de que antes desse termo não existia nenhuma outra expressão.

O *explicit liber* com o tempo passou a ser chamado de colofão ou cólofon. E aí outras informações foram acrescentadas. Além de sinalizar a finalização do livro, foram acrescentadas também outras informações importantes como data de impressão, nome do impressor, local de impressão.

Este é um exemplo de colofão, em uma obra moderna. Está escrito: “Esta 3ª Edição de *O Livro – Impressão e Fabrico*, de Douglas McMurtrie, foi composta, impressa e encadernada para a Fundação Calouste Gulbenkian, nas oficinas da Gráfica de Coimbra, tiragem de 2.000 exemplares, abril de 1997”.

Notem que houve uma evolução considerável desde o *explicit liber* até o cólofon.

Uma curiosidade: o colofão, atualmente, nem sempre vem no final do livro, muitas vezes já vem na página de rosto.

Outras características: presença de reclamo e de marca d’água (filigrana).

Marca d'água, já comentei, é aquela marca colocada na tela de arame indicando o moinho que confeccionou o papel.

O reclamo, é muito fácil lembrar, porque há pouco tempo tinha o reclamo do "plim-plim", que chamava a programação na televisão, o que viria a seguir. Reclamo nada mais é do que anunciar, chamar o que vem na sequência. Isso era muito utilizado nos manuscritos porque não existia a numeração como temos hoje. Por falta de numeração os cadernos eram chamados através palavras.. A última palavra do lado direito, terminado o texto, deverá ser a primeira do lado esquerdo da página posterior. Se a página termina com "rimos", por exemplo, a próxima começará com "rimos". Era uma forma de chamar, e ordenar também, os cadernos.

Outras características: marca tipográfica, marca do impressor ou do editor, outorga de privilégio real e contrafação.

Como já foi dito, no século XV, a Igreja exercia um domínio muito forte. Quando iniciou a impressão gráfica, as pessoas começaram a sentir a necessidade de saber mais, de conhecer. Muitas obras, principalmente as filosóficas, eram proibidas. Uma forma de censurar essas obras era fazer com que cada tipógrafo, em

sua região criasse uma marca, a marca tipográfica. É lógico que existia muita contrafação; ou seja, a pirataria não é de hoje. Tudo era contrafeito. Essas marcas tipográficas eram contrafeitas, colocavam-se marcas para as quais não existia o impressor, porque eram obras que o público tinha interesse em conhecer, mas a censura não permitia que fossem impressas.

Nesse momento, surgiu a marca do impressor e a outorga de privilégio real. A outorga de privilégio real era uma licença concedida pelo poder, pela mesa real censória, que delimitava o que seria impresso. Constava também um tempo determinado, em que essa obra seria impressa; tiragem; assunto; tudo era revisto.

Cada privilégio delimitava um elemento. Já no século XVI, toda obra na Europa deveria ter o privilégio, era obrigatório o privilégio real.

Com essa obrigatoriedade de marca de impressão, cada impressor criava a sua marca.

Existiam duas classes de tipógrafos: o tipógrafo dos mosteiros e os tipógrafos particulares. Os tipógrafos particulares, em geral, utilizavam elementos contrários à Igreja e à burguesia para identificar que

eram tipógrafos particulares. Neste exemplo, em todas as marcas, vemos a Cruz de Caravaca, que, na época, era associada à bruxaria, à massonaria e à feitiçaria. Era uma forma de demonstrar: “sou tipógrafo particular”.

Esse é um exemplo uma tipografia de mosteiro.

Outra tipografia particular.

Outra forma de identificação que os impressores particulares utilizavam era a distorção de imagens. Veja, quando o tipógrafo lançava uma marca com um anjo, por exemplo, a marca tinha o anjo com a genitália desnuda ou com chifre. E muitos tipógrafos foram para a fogueira por conta dessas marcas alteradas.

Fiz questão de colocar essa marca do Willian Caxton, primeiro tipógrafo inglês, que, além de tipógrafo-impressor, era também tradutor e muito contribuiu com a língua inglesa..

O tipógrafo Aldo Manúcio, que foi extraditado e condenado à morte por ter dado início à impressão de obras de poesia e literatura, na época em que foi extraditado, lançou essa marca tipográfica, borboleta azul e chama, usando o pseudônimo de Antonio Blado.

Esses são exemplos de privilégios dos quais já falamos.

Outra marca importante dessa época é a xilogravura.

As primeiras xilogravuras eram simplesmente feitas para serem coloridas. Aqui está um trabalho de xilogravura com a pintura em aquarela.

Mas surge, ainda no final do século XV, Dürer, que muda toda a concepção de xilogravura, trazendo o movimento e o sombreado para a gravura..

Ele transforma essas xilogravuras – penso que Dürer achava-as, sem graça – feitas para colorir, por isso ele traz o movimento, o sombreado e a arte.

Esse texto, em duas colunas – com certeza, por estar nessa disposição, versava sobre Medicina, Teologia ou Lógica –, primeiro era impresso assim e depois recebia a xilogravura. Após o que, era encaminhado ao rubricador para receber as capitulares.

Muitas obras, inclusive esta aqui, não tiveram a participação de outros artífices. Note a ausência de capitulares e manuscrito na bandeira inferior. É provável que, no dia a dia, trabalhando com obra rara, apareçam obras incompletas como essa, porque o livro no século XV era ainda

artesanal; saía da impressão e deveria ainda passar por diversos outros artífices, o que nem sempre acontecia.

Outros elementos importantes: a presença de ornamentação através de iluminuras e capitulares.

Esse é um exemplo de iluminura, com as marcações de parágrafos, pé de mosca. E a iluminura era exatamente esse trabalho de desenho. Provavelmente, essa iluminura também seja miniada, ou seja colorida com pó de ouro.

Os grandes trabalhos de iluminura estão presentes nos livros de horas, mas nem todo livro de horas era tão rico assim em iluminura.

Os livros de horas eram encomendados. Tratava-se com orações e rezas, que eram feitas ao longo do dia. Eram livros pequeninos, formados em *in-octavo*; eram livros de bolso, com os quais, a qualquer momento do dia, faziam-se as preces. Só que os livros de horas, ricamente trabalhados, eram destinados à nobreza. As pessoas mais simples tinham o livro de horas xilografado – claro que não com essa riqueza de detalhes..

Aqui estão as capitulares, também muito utilizadas. Existem desde o século

XV,. Essas capitulares são de Christophe Plantin.

Existem, também, as capitulares historiadas e ornamentadas.

Essa capitular provavelmente é historiada. Não tenho elementos para afirmá-lo com certeza, porque não estou com a obra em mãos e não a li, mas se percebe que traz o relato de uma história. Temos a letra C, com uma história, uma capitular historiada, e também a letra P.

Reproduzi essa imagem de uma obra rara da Biblioteca Nacional, que simplesmente diz tratar-se de uma capitular ornamentada. É muito difícil saber quando a capitular é ornamentada e quando é historiada, porque, mesmo que não conte a história daquele livro, o impressor pode ter colocado naquela capitular uma história.

Para nós, aqui, basta saber que as capitulares eram ornamentadas, que muitas delas contavam uma história e, portanto, eram chamadas de capitulares historiadas.

No século XVI, o livro sofre intensa censura. O Concílio de Trento promulga, em 1564, a primeira lista oficial de livros proibidos, o *index librorum prohibitorum*. A censura atinge autores, editores, tipógrafos, livreiros e simples portadores de livros.

Essas sanções vão desde ameaças, perseguições, interdições, condenações, prisão, galés, extradições, força e estrangulamento. É interessante dizer que tudo isso acontecia em praça pública, na frente de crianças e todos, inclusive, eram convidados a participar.

O livro azul do século XVI era um livro em pequeno formato. Até hoje as cores do livro azul são usadas. O livro azul foi de extrema importância para a humanidade por ter proporcionado livre acesso à cultura e ao conhecimento. Primeiro porque não dependia de privilégio real; tudo poderia ser impresso no livro azul; segundo algumas condições: não poderia ultrapassar oito páginas, era xilografado e os assuntos abordados deveriam referir-se à orações, rezas, fofocas do cotidiano, receitas caseiras, receitas médicas e romances.

Quem comerciava esses livros era o colportor ou comerciante ambulante de livro. É lógico que as pessoas solicitavam ao colportor que o livro não fosse xilografado e que fossem impressos os textos proibidos. Por conta disso, vários colportores foram mortos, nessa época, porque – não sei se posso dizer – abusavam dos limites do livro azul impostos na época. As pessoas solicitavam as obras de filosofia, os

romances e as obras proibidas. Então, imprimia-se o livro, em até oito páginas, colocava-se a capa do livro azul e o seu comércio era feito livremente.

Os livros eram comercializados pelo colportor em feiras e praças públicas, pendurados numa cordinha na bicicleta. Como eram xilografados e dependurados dessa forma, surgiu a Literatura de Cordel.

Essa imagem é um exemplo do que era o livro azul.

Outros elementos a serem observados: começa a numeração – antes o livro não era numerado –; a gravação em metal; a folha de rosto, ou seja, a abertura, o frontispício com o nome do autor e da obra. Assim, no século XVI, o livro já toma uma condição ou formato próprio. Abandona as características do manuscrito e começa com uma característica toda própria de livro, que é a que temos hoje.

A gravura em metal, desde o século XVI, foi largamente utilizada para trabalhos específicos, obras, por exemplo, de Geografia e Medicina.

Mais uma gravura em metal.

Esse é um exemplo de gravura em cobre.

Essa é a primeira portada completa que se tem conhecimento, no calendário, ou

seja, é o primeiro trabalho de apresentação de uma obra, a primeira folha de rosto de um livro. Antes, os livros não tinham folha de rosto, como já foi dito. Apesar de ter sido impressa em 1476, considera-se que as portadas tenham começado no século XVI.

Outro elemento marcante do século XVI é o surgimento da mancha de texto acrescida de corondel.

Corondel são observações feitas ao longo da mancha do texto. Com o tempo, o corondel passou para a margem inferior. Hoje o corondel é posto no final do capítulo, ou do livro. Não existe uma ordem determinada; o impressor ou o autor é que definem.

Quando a vinheta ocupa todo o início da página, é chamada de cabeção

Capitular.

Elementos observados no século XVII: surgem as folhas volantes, impressos avulsos e de informação rápida; e o papel de trapo é substituído pelo papel tecido.

No papel de tecido, não aparecem mais as marcas da tela de arame.

Em 1747, surge a tipografia no Brasil.

A encadernação brochura.

No século XIX, surge, no Rio de Janeiro, a Gazeta do Rio, que foi o primeiro periódico brasileiro impresso.

A litogravura.

Bem, fiz um resumo muito rápido de elementos do século XV. São elementos a serem observados numa obra considerada rara. Outros elementos, além da história, são aqueles elementos acrescentados após a impressão.

O primeiro deles é a *super libris*.

Os primeiros livros eram manuscritos – depois vieram os livros impressos – que normalmente eram enviados aos encadernadores, após a publicação. Quem encomendava o livro – geralmente era a nobreza que o enviava à encadernação, recomendando que fosse cunhado na capa o seu brasão familiar.

Esse é um exemplo de brasão chamado de *super libris*, ou seja, esse livro foi encadernado por alguém ou por determinada biblioteca. Essa é uma marca que é acrescentada após a impressão, denominada de *super libris*.

O ex-libris é a marca da biblioteca ou do acervo. Após a sua encadernação, ao ser incorporada ao acervo, a obra recebe uma marca.

Trouxe, como exemplo, um livro que não possui *super libris*, não tem nenhuma marca na capa, mas tem uma *ex-libris*. *Ex-libris* da Biblioteca Thailand – essa é uma *super libris*. A nossa biblioteca ainda não tem *super libris*.

Outra marca também a ser considerada é o *ex-dono*, a marca pessoal, que tinha por objetivo informar a quem o livro pertencia.

Essa é de uma obra da biblioteca que tem dois *ex-dono*: o primeiro é Frederico José Marques, 1/4/1910. Vinte anos depois, José Frederico Marques – não fiz pesquisa, mas deve ser filho – também colocou também o seu *ex-dono*, em 1930.

Esses elementos são importantes, porque podem contar a raridade da obra.

Outros elementos: anotações manuscritas, correções, alterações, marcas de literatura.

Esse *frontis* foi criado por um bibliófilo. Essa obra também pertence à Biblioteca Nacional.

É importante também registrar até mesmo as marcas de deterioração; isso também é uma forma de evitar a falsificação.

Digamos que essa obra pertencesse ao Superior Tribunal de Justiça, na ficha

catalográfica, após o arrolamento todas as características, constará que o frontispício sofreu uma deterioração por conta de tinta ferrogálica. Essa tinta “come” o papel, dizemos que a tinta “morde” o documento.

Outra característica acrescentada posteriormente é a importância da obra (o exemplo ao lado é uma impressão em xilogravura).

Fiz questão de exibir esta obra do Professor e Médico Andreas Vesalius², um médico que foi condenado à morte – assim como Ticiano³, o desenhista, e Van Kalkar⁴, que fez esse belo trabalho de xilogravura –, após ter sido julgado feiticeiro, porque durante suas aulas de medicina dissecava cadáveres humanos.

Essa obra, que vale a pena ser vista, encontra-se no catálogo de obras raras da USP e foi toda digitalizada. O livro em inteiro teor encontra-se no site na USP. As aulas do professor e médico Vesalius eram acompanhadas pelo desenhista Ticiano e o pelo xilógrafo Kalkar. À medida que o médico realizava a dissecação, o desenhista ilustrava-a e o xilógrafo fazia anotações de detalhes que deveriam constar no desenho

² Andreas Vesalius (Bruxelas, 31 de Dezembro de 1514 — Zákinthos, 15 de outubro de 1564) foi um médico belga, considerado o “pai da anatomia moderna”. Foi o autor da publicação *De Humani Corporis Fabrica*, um atlas de anatomia publicado em 1543. (fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Andreas_Vesalius).

³ Ticiano Vecellio ou Ticiano como era conhecido, foi um importante pintor italiano que nasceu em Pieve di Cadore entre os anos de 1473 e 1490. (fonte: www.essaseoutras.com.br > Artes Plásticas).

⁴ Jan Joest, também conhecido como Jan Joest van Kalkar ou Jan Joest van Calcar, (Kalkar ou Wesel, 1450 ou 1460 — 1519) foi um pintor holandês conhecido por suas pinturas religiosas. (fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Jan_Joest_van_Calcar).

Outra característica importante, acrescentada após à imprimeira, e que vale a pena registrar, é a importância do livro para a Ciência e para a humanidade. Este livro por exemplo, apresenta a primeira partitura que foi impressa e publicada.

Por fim, a pesquisa bibliográfica, que determina se a obra já foi arrolada em algum catálogo de obras raras.

Vou falar, rapidamente, sobre o trabalho realizado no Laboratório de Restauração de Documentos.

Como já foi dito, o Laboratório de Restauração de Documentos é a unidade responsável pela preservação documental e bibliográfica do Superior Tribunal de Justiça.

Quais as atividades que o Laboratório desenvolve? Só para que se tenha ideia do fluxo de trabalho, o Laboratório é responsável pelo acompanhamento do acervo da Biblioteca, formado por 161.465 obras, dentre as quais 1.972 são raras, de acordo com o último levantamento, feito no mês de março.

Além da Biblioteca, são 33 gabinetes, cada um com seu acervo, que, na maioria das vezes, não Possui menos de duas mil obras. Além dos acervos dos gabinetes, o Tribunal conta com um arquivo

documental que, hoje, só de processos físicos acumulados, compõe-se de 279.346 obras.

Ao recebermos os livros para restauração, é feito um trabalho de pesquisa, pela equipe do Lacor, para identificar, o tratamento adequado a ser dispensado. Nesse exemplo que trouxe aqui, tem de tudo um pouco. A primeira obra, que é rara, de Spencer Vampré⁵, é um estudo sobre o nome civil, como começou o nome civil, de onde veio a concepção de alteração nominal..

Então, gostaríamos que o trabalho do Laboratório fosse conjunto. Por isso, temos trabalhado muito com a conservação preventiva.

Temos ido aos gabinetes fazer triagem nas obras para que cenas como essas não se repitam. E ainda mais, de nada adianta restaurar se a ideia de preservação não estiver gravada nas atitudes do dia a dia de cada colaborador.. É tão mágico falar do livro! Talvez seja o único suporte do qual a informação não pode ser desassociada. Se o suporte for perdido, perdeu-se a informação. Se a

⁵ Spencer Vampré (Limeira, 24 de abril de 1888 — 13 de julho de 1964) foi um advogado, professor, jornalista, escritor e jurista brasileiro. Foi professor e diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1938, deputado estadual, membro da Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. O Fórum do Poder Judiciário Estadual em Limeira recebeu seu nome como homenagem. Escreveu a valiosa obra intitulada Memórias para a história da Academia de São Paulo. (fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Spencer_Vampré).

informação for perdida, de nada adianta recompor o suporte.

O que temos feito são investimentos na conservação preventiva, através de palestras e de orientações. Não sei se vocês observaram, mas, no verso do marcador que receberam, há orientações de como lidar com o livro, de como retirá-lo da estante. Por que não se deve comer junto aos livros. Como puxar o livro. Por que não colocar cliques. Por que não colocar fita mágica, em livros.

Bom, superficialmente, este é o trabalho do Laboratório de Restauração de Documentos do STJ.

Agora, gostaria de apresentar alguns livros onde pesquisei e falar, principalmente, aos bibliotecários sobre a importância de lê-los. Este é um volume do Catálogo de Obras Raras da USP.

Vale a pena acessar o *site* e fazer uma consulta. Essas são as obras dos séculos XV e XVI, mas há um catálogo de manuscritos dos séculos XIII e XIV.

Esse *site* é dividido por época.

O *Livro*, que conta a história da impressão, da imprimeira.

Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial, de Rubens Borba de Moraes⁶. O autor fala sobre a censura no Brasil e no mundo.

A Técnica do Livro, segundo São Jerônimo, que versa principalmente, sobre os suportes utilizados para a impressão.

Livros proibidos, livros que marcaram a história. Às vezes, há no acervo livros dos quais não se tem conhecimento, que já foram proibidos. Nesse livro, o autor relaciona cem livros e explica o porquê que foram proibidos em determinada época..

A Fascinante História do Livro. Assim como *O Livro*, de Douglas McMurtrie⁷, conta a história da humanidade através do livro.

E, por fim, *A Palavra Escrita*, que, também, relata a história do livro, da imprensa e da biblioteca.

Gostaria de agradecer a participação de todos.

⁶ Rubens Borba de Moraes (Araraquara, 23 de janeiro de 1899 – Bragança Paulista, 2 de setembro de 1986) foi um bibliotecário, bibliógrafo, bibliófilo, historiador e pesquisador brasileiro, um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, professor, pioneiro da biblioteconomia no país e diretor da Biblioteca da ONU. (fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Rubens_Borba_de_Moraes).

⁷ Douglas McMurtrie (EUA, 1888 - 1944), foi diretor do Columbia Printing Office, Editor da Ars Tipographica e esteve à frente do American Imprints Inventory. Amante e estudioso do livro, deixou várias obras de peso, entre as quais: *American type design* (1924), *The first printers in Chicago* (1927), *Jonathan Meeker, pioneer printer of Kansas* (1930), *The beginnings of printing in Virginia* (1935), *A history of printing in the United States* (1936), *Wings for words: the story of the Gutenberg documents* (1941), *The invention of printing: a bibliography* (1942). (fonte: escritoriadolivro.com.br/arte/mcmurtrie).

ENCERRAMENTO

DARCY ARAÚJO

Agradecemos a presença dos servidores do Superior Tribunal de Justiça e dos demais convidados.

Agradecemos o apoio da Secretaria de Gestão de Pessoas, da Secretaria de Comunicação Social, da Secretaria dos Órgãos Julgadores e da Secretaria de Administração e Finanças.

Informamos que o material apresentado nesta palestra poderá ser acessado em breve pelo repositório institucional da Biblioteca Digital Jurídica – BDJur.

Notícias e registros do evento também constarão do *blog*: programa.bibliotemas.wordpress.com.

Comunicamos que os certificados desta palestra já estão disponíveis aos participantes na recepção.

Muito obrigado.

(Palmas).